

O RENASCIMENTO DA LÍNGUA HEBRAICA E SUA CONTINUIDADE NA DIÁSPORA

Esther Szuchman¹

Resumo

O conjunto de processos que ocorre atualmente em diversas esferas da vida tornou o mundo no qual vivemos uma “aldeia global”. Distâncias geográficas, antes consideradas intransponíveis, foram superadas por meio da alta tecnologia, possibilitando uma maior aproximação entre diversos grupos culturais. Roupas, alimentos, filmes e composições musicais são universalmente familiares.

Essas transformações produziram reflexos em diversas áreas do conhecimento e, sobretudo, na linguagem. Após ter sido usada por mais de 1700 anos, essencialmente como veículo de expressão literária escrita e de orações, a língua hebraica foi revitalizada e integrada de forma viva e em uso com o restabelecimento do Estado judeu.

Como observa justamente Agnon: com o passar do tempo, e, sobretudo, durante o longo exílio alguns sábios já misturavam em seus livros temas sacros e laicos “cessaram de aproveitar-se da santidade das letras e escreveram sobre temas variados.”

Os livros deixaram de debater exclusivamente normas, leis e comentários religiosos e éticos e deixaram de estar prenhes de louvores a Deus e de lamentos pelas aflições de Israel. Essas obras estavam agora dedicadas também à poesia, contos, dramas ou simplesmente dedicados ao gozo mundano.

Vale lembrar, no entanto, que a “língua sagrada hebraica” tornou-se “secular laica” já na Europa, com o movimento de Emancipação da Europa do Século XIX (ilustração judaica), antes mesmo do movimento sionista (cuja representação simbólica era torná-la uma língua viva e em uso).

Atualmente, o hebraico é a língua oficial e nacional do Estado de Israel, falada e escrita em todas as áreas do conhecimento: na filosofia, na imprensa, na tecnologia e na literatura.

As transformações sofridas pela língua em Israel, desde sua adoção como língua nacional e oficial do Estado, absorvendo influências inicialmente do Lídiche, Russo e do Inglês e, sendo esta última “língua franca” e hegemônica no mundo atual, tem contribuído de forma singular no ensino da língua hebraica como língua adicional na Diáspora.

Palavras Chaves: Renascimento, identificação, globalização, ensino da língua hebraica na Diáspora.

¹ Doutora em Letras pela FFLCH-USP
ety@terra.com.br

Introdução

Por cerca de 1300 anos, desde a conquista da Palestina até após a revolta de Bar - kochba, (131-134, E.C.), os judeus falaram hebraico. Durante o exílio, por cerca de dezessete séculos, passaram a falar outras línguas até o renascimento da língua hebraica há cerca de 100 anos atrás. (1880). O renascimento da Língua Hebraica implica em sua ressurreição como língua falada e em uso, tanto na vida pública e na administração comunitária, como na esfera privada e familiar.

O renascimento da Língua Hebraica e sua transformação em língua moderna devem-se aos intelectuais judeus; escritores e filósofos da Diáspora que haviam participado do movimento da Ilustração Judaica iniciado no século XIX na Europa Ocidental². Estes homens contribuíram de forma significativa para dar à língua Hebraica o status de língua nacional moderna. A língua sagrada que durante séculos serviu o povo judeu em suas preces e orações, foi laicizada e passou a ser usada como língua “cultural secular” antes mesmo de se tornar a língua de uso diário do empreendimento Sionista.

A fase decisiva do Renascimento da Língua Hebraica foi sua transformação em (Low-language³), isto é, sua penetração e seu uso em todas as atividades da linguagem do homem em sua rotina diária – no seio da família, no trabalho, no consumo cultural social e público. Esta fase, entretanto, só pode ser concretizada graças à determinação dos grupos sionistas seculares, então movidos por seu entusiasmo revolucionário e a sua convicção em não hesitar na “profanação” de símbolos tradicionais – religiosos em sua nacionalização em favor do seu projeto nacional.

Em Israel a língua Hebraica passou a ser a língua dominante em todos os setores da vida diária e passou, a absorver influências de várias outras línguas tais como o lídiche, Russo, Árabe, estas responsáveis pelas modificações que foram introduzidas inicialmente não somente em seu léxico como também na fonologia e na sintaxe da língua.

² Referimo- no a Mendelshon (1729-1786), Weisel, N.H. (1725-1805), Iehuda Leib Gordon (1830-1892), Leon Pinsker (1821-1891), Mendele Mocher Sfarim (1835-1917), Chaim Nachman Bialik, entre outros.

³ Referimo- nos ao conceito de Diglossia conforme designado por Ferguson, C.F. (1959) ‘Diglossia’, World 15, PP.325-340.

Atualmente, a expansão do Inglês, língua franca e hegemônica no mundo moderno - e a sua devida importância em Israel e no mundo judaico - contribuiu para os empréstimos lingüísticos de palavras e frases, escritas e faladas em língua hebraica, e tem influenciado de forma singular o ensino-aprendizagem da língua hebraica na Diáspora.

Contexto social - histórico da língua hebraica.

O hebraico escrito era uma língua viva e ocupou um lugar particularmente relevante no conjunto de escritos que os hebreus antigos e seus descendentes históricos – os judeus – produziram em língua hebraica nas diferentes épocas e lugares, bem como nas várias formas de expressão literária. Este complexo literário abrange, não só as elaborações profanas como um vasto capítulo religioso, onde ocupam um lugar particularmente importante as Escrituras Sagradas; textos coligidos e designados em hebraico pelo nome de Tanach abreviatura de (Torah, Neviim e Ketubim isto é Lei, Profetas e Hagiografia) ou Kitvei há-Kodesh,

A partir do Exílio da Babilônia, a língua hebraica foi trocada pelas línguas internacionais da região: o aramaico e o grego.

Os judeus da Babilônia falavam o aramaico e os do Egito falavam o grego durante o período helenístico. Outros compartilhavam com seus vizinhos o idumeu, o fenício e talvez o filisteu. Entretanto, em oposição aos seus vizinhos, os judeus da Palestina Síria e Iraque continuaram a usar seus antigos textos hebraicos na oração e nos estudos religiosos. Cabe mencionar que durante sua longa e extensa vida o hebraico desenvolveu duas formas literárias sucessivas: a Bíblica e a da Mishná (aproximadamente desde o ano 200 A.E.C) sendo que os textos sagrados foram redigidos em parte no estilo Bíblico, em parte no estilo da Mishna, e em parte foram escritos mesclados (principalmente em algumas das orações). (Rabin. C. 1973)

O hebraico falado prevaleceu somente na Judéia e em algumas regiões um pouco mais ao sul, próximas as cidades de Hebron. Este hebraico não era a linguagem da Bíblia. Era a linguagem que atualmente denominamos de

“hebraico mischnaico” ou a “língua dos sábios”. Com a destruição de Jerusalém (66- 70 E. C) e a revolta de Bar - Kochba (131- 134), a Judéia foi arrasada. Os judeus remanescentes, inclusive os sábios, estabeleceram-se nas planícies costeiras e na Galiléia, substituindo paulatinamente a língua hebraica pelo aramaico.

Estruturado o Cânon Bíblico, Torah sche-bi-ktav , “Lei Escrita” ou Escritura, começou a desenvolver-se o da Torah Sche-be-al Pe, “Lei Oral” pelos doutores da Lei conhecida como Mishna e Guemara , ou especificamente esta última, designada como Talmud de Jerusalém e Talmud da Babilônia .

O processo literário hebraico, no entanto, não se limitou ao aspecto acima descrito. Sob a ação crescente de vários fatores, como confrontos e sínteses helenísticos- judaicos, lutas pela independência política da Judéia e pela reformulação sócio–religiosa do Judaísmo, foi muito além disso. Traduziu-se em outras manifestações, como atestam os livros excluídos da coletânea escritural e as obras sectárias de outras correntes religiosas - os chamados Apócrifos e Pseudepígrafos - Sefarim Chitzonim ou Ketuvim Achronim (Guinsburg 1977, p. 16)

Segundo a visão tradicionalista, ambas as leis, a Escrita e a Oral, foram outorgadas a Moisés no Monte Sinai.

"אלה חוקים והמשפטים והתורות, אשר נתן ה', בינו בין בני ישראל בהר סיני ביד משה."
(ויקרא- כ"ו, מ"ו)

Estes são os estatutos e os juízos e **as leis** que o Eterno deu entre si e os filhos de Israel, no monte Sinai, através de Moisés. (Levítico, 26:46) .

Esta visão tradicionalista concebe que toda a literatura do povo judeu se deu como uma ininterrupta corrente da tradição⁴ - escrita e oral (TORAH SHE'BICHTAV V'ETORAH SHE'BEALPÉ) de acordo com uma passagem clássica do Talmud em Pirkei Avot – Ética dos Pais (1:1). “MOISÉS recebeu a Torah do Sinai e a transmitiu a JOSUÉ, e Josué aos ANCIÃOS, e os anciãos aos PROFETAS, e os profetas transmitiram aos homens da GRANDE

⁴ Skalshelet Hakabala – do hebraico a corrente da TRADIÇÃO que explica segundo o livro(Levítico, 26:46) que foram dadas leis conforme está escrito nessa passagem no plural Toroth e não Torah. Em referencia a lei escrita e oral.

ASSEMBLÉIA⁵. Segundo os cabalistas, a língua sagrada se deu em 22 letras designadas mediante o signo “בר” - que significa “em ti”, pois está escrito: Por ti abençoará Israel dizendo (Gênêsis, 48:20)

Toda a tradição oral antes reunida e escrita pelos Sábios de Israel só foi compilada e organizada pelo Rabi Ieuda Hanassi, sob o nome de Mishná, no século II D.E.C. Posteriormente, outras figuras notórias agruparam o resto dos preceitos que não foram incluídos na MISHNA e os classificaram em grandes volumes de livros e tratados, sob o nome de Sifrei, Sifra, Mechilta e Tosefta (acrêscimos) e Midrashim (narrativas). Dado que eram muito concisos e herméticos, os discípulos e os discípulos dos discípulos os expandiram, explicaram e os interpretaram em muitos tomos do Talmud da Babilônia e de Jerusalém.

Como observa Agnon, (1970), após a clausura do Talmud aceita por todo Israel, nossos sábios trataram de interpretar a Bíblia e as escrituras à luz dos segredos da língua e dos segredos de Deus, ordenando nossas orações. Compuseram canções para o Shabat e dias festivos e dessa forma tornaram-se os progenitores da moderna língua. Esses sagrados poetas foram excelsos intermediários entre Israel e seu pai no Céu. Com o passar do tempo, entretanto, e, sobretudo, durante o longo exílio, alguns sábios já misturavam em seus livros temas sacros e laicos e “cessaram de aproveitar-se da santidade das letras e escreveram sobre temas variados”, dedicando-se também à composição de poesia, dramas, contos, ou simplesmente ao gozo mundano, usando as mesmas letras anteriormente usadas por aqueles que temiam e honravam “Seu nome”. (Agnon 1970 p. 19 – 20).

Paralelamente ao uso do aramaico nas grandes recopilações religiosas conhecidas, como o Talmud de Jerusalém e da Babilônia, no século III até o VI D.E.C., desenvolveu-se uma vigorosa produção literária hebraica. De acordo com Rabin.C (1970), a partir do século VI em diante, o uso escrito do hebraico espalhou-se gradativamente através das comunidades judaicas dispersas pela Ásia, África do Norte e Europa e desde aproximadamente 900 até o seu renascimento em 1880, o hebraico era usado em todas as comunidades, não

⁵ A Grande Assembléia era o Sanhedrin, uma assembléia de juízes judeus que constituía a corte e legislativo supremos da antiga Israel. O Grande Sinédrio incluía um chefe ou príncipe (*Nasi*), um sumo-sacerdote (*Cohen Gadol*), um *Av Beit Din* (o segundo membro em importância) e outros 69 integrantes que se sentavam em semi-círculo.

somente como uma linguagem passiva de estudo e de orações, mas também para ativa comunicação, escrita em livros, documentos legais e cartas particulares. Os judeus da Inglaterra medieval (séc.XII E XIII), por exemplo, registravam em hebraico os títulos referentes a empréstimos feitos a gentios.

Durante todo esse período o hebraico era falado esporadicamente. Há relatos de judeus de países distantes que usavam o hebraico quando se encontravam e não dominavam em comum nenhuma outra língua. Alguns comerciantes falavam o hebraico nas feiras para não serem entendidos por seus clientes não judeus. Enquanto que os homens pios, aos sábados, falavam exclusivamente o hebraico - a língua sagrada.

A comunicação oral, por outro lado, efetuava-se normalmente na língua onde a pessoa vivia. Outras vezes, durante algumas gerações, falava-se a linguagem do país do qual a pessoa e seus antecessores havia emigrado. O modo de falar dos judeus, entretanto, diferenciava-se do de seus vizinhos pelo fato de neles incluírem uma mistura de palavras hebraicas e frases hebraicas e aramaicas retiradas do Talmud. Mesmo as línguas judaicas que emergiram no período moderno da Europa, como o lídiche na Europa do Norte e o ladino (o judeu espanhol na Europa meridional e no Oriente próximo) foram escritos e permanecem escritos paralelamente em hebraico.

Contudo ninguém pensou em adotar a língua hebraica na linguagem cotidiana. Para Rabin isso deve ser atribuído ao fato que durante a Idade Média, a idéia política de nacionalismo e o conceito de língua nacional usado para todas as necessidades de comunicação dentro de um grupo nacional, ainda não se havia consolidado. (Rabin, C.1970).

Durante a Idade Media era comum entre os povos empregar-se para fins de escrita um idioma de prestígio “clássico” que abarcava uma extensa zona idêntica a comunidade religiosa. Este é o caso do latim na Europa católica, do grego e do eslavo eclesiástico na cristandade ortodoxa, do árabe clássico no Oriente muçulmano e do Sânscrito na Índia.

O hebraico , assim como outros idiomas clássicos era estudado de acordo com suas fontes clássicas primárias, ou seja, da literatura bíblica e rabínica e era escrito imitando o idioma dessas fontes. De acordo com o tempo e o lugar, as pessoas se inclinavam a escrever, alternadamente, segundo as normas do hebraico Bíblico ou Mishnaico. Durante os séculos XIII e XIV criou-

se na Europa ocidental o hábito de usar o hebraico bíblico para as escritas poéticas e artísticas, ao passo que a Mishna seria usada para todo o tipo de prosa.

A partir do século XVIII a literatura hebraica na Itália, Holanda e Alemanha (especialmente em Berlim), influenciada provavelmente pelos temas e formas europeus puristas e classicistas, cultivou tanto na poesia como no drama e nas “belas letras” o estilo bíblico puro. Coube, porém aos iluministas, à Haskalá (“Ilustração”), dar os passos efetivos que abriram o caminho das luzes da razão e da secularidade e devolveram ao hebraico os sentidos terrenos do mundo e do homem. Na sua revolta contra o gueto medieval e contra o que consideravam subprodutos culturais (o talmudismo, o ritualismo) e dialetais (jargão hebreu – alemão, isto é o Idiche, especificamente) a corrente de Moisés Mendelsson, Weisel e seus adeptos do leste europeu dirigiu sua ideologia reformista na linguagem “nobre” da Bíblia. Outro foco de irradiação pela campanha da ilustração judaica e pela emancipação política expressou-se através dos colaboradores do primeiro periódico hebreu Há – Meassef - (“O Colhedor”) - publicado em 1783 a 1829 – enquanto expressão do racionalismo germano – judeu ⁶. Os maskilim assim chamados iniciaram se maciçamente nos temas profanos das “belas letras” e submetem-na a tratamento estético com base em padrões estilístico e critérios de gênero, dotando-a de instrumentos próprios relevantes a modernização literária. (Guinsburg, 1977, p 67- 70)

À medida que esta nova literatura hebraica do Iluminismo, da Haskalá, se moveu para a Europa oriental, (1820) tornou-se mais romântica. Na fase puramente racionalista do movimento, os iluministas judeus extraem da bíblia apenas uma estilização; agora, porém, nessa segunda etapa, passaram a captar a vivência lírica de um passado nacional. Em função da campanha ilustrada pela modernização do judeu e de sua integração como cidadão, os escritores maskilim desenvolvem uma produção que focaliza, em particular, as realidades de vida judaica no leste europeu. Nessa fase o puro estilo bíblico segundo Rabin (1970) agiu como um substituto do nacionalismo judaico, pois

⁶ Artigos tais como Divrei Shalom Veemet (Palavras de Paz e verdade de Weisel e Talmud Lashon Ivrit. (Ensino do Idioma hebreu) e Otzar Shorashim (tesouro das raízes) de do Yeudah Leib bem Zeev (1764- 1811) (Guinsburg 1977, p.69).

oprimidos pelos ghettos, dificilmente eles poderiam se expressar de outra forma (cf, Rabin, C.1970, p.25)

Na metade do século XIX, uma tendência realista tomou conta da literatura hebraica de forma que o estilo bíblico não era mais compatível para descrever a vida judaica moderna. A sofisticação literária e a limitação do vocabulário Bíblico composto de apenas 8.000 palavras tornaram esta limitação evidente a leitores e escritores.⁷

A grande escola clássica da literatura hebraica moderna teve início com uma mescla livre do hebraico bíblico e da Mishna, e com misturas do aramaico do Talmud. Seu êxito deveu-se, em grande parte, ao aproximar o hebraico do idioma falado natural e também devido ao fato de que, com o surgimento de um nacionalismo judeu moderno desapareceu a atitude negativa que existia frente ao judaísmo rabínico tradicional e a sua literatura.

A primeira síntese de um pensamento nacional judaico foi feita pelo iluminismo, na Galícia, através de Nachman Krochmal (1785-1845). Ele identifica na individualidade de Israel, na sua propensão religiosa e ética, as “características de uma civilização peculiar hebraica”. Assim, em vez da fé e da moral reveladas por intervenção divina, a concepção da história judaica torna-se um produto histórico dos judeus como um grupo. *Com isso a concepção de história judaica sofre considerável historização, secularização, e mesmo nacionalização (Guinsburg 1977, p. 75).* Este conceito mais amplo relaciona os judeus por um princípio nacional, pois afora a religião e a ética envolve outros fatores espirituais e intelectuais dando conta de uma especificidade judaica secular e civil.

O Renascimento nacional judaico e o idioma nacional.

O movimento que se desenvolve em torno do propósito de regenerar a vida do povo judeu, restabelecer o hebraico como língua corrente e renovar a nacionalidade judaica em Israel têm expoentes como Leon Pinsker (1821-1891), Eliezer Ben Leuda (1863-1932), Itzhak Peretz (1851-1915), e em

⁷ Referimo- nos a Judah Leib Gordon (1830 – 1892) poeta romântico que compôs seu poema sobre a decadência da língua hebraica. (Cf. Rabin, 1970, p. 25). Oh quem pode predizer o futuro... E vocês os últimos capazes de ler os meus contos.

especial, Haim Nachman Bialik (1873-1934) e Saul Tchernikhovski (1875-1943). Enquanto Bialik enalteceu o despertar coletivo do sentimento e da consciência nacional do judeu, Tchernokhovski destacou os sentidos naturais do homem no judeu como indivíduo.

A mudança no estilo do hebraico produziu-se de acordo com as tendências das línguas mais importantes, as quais, na segunda metade do século XIX relegaram a um segundo plano o classicismo e aceitaram elementos provenientes de dialetos e dos novos idiomas coloquiais urbanos, de jargões técnicos e da conversação. No caso específico do Hebraico, o estilo de um hebraico mais flexível e aberto ou “hebraico total” já havia sido adotado pelos escritores judeus do Leste Europeu acostumados com o Idiche e com a Literatura clássica do Judaísmo da Mishná.

O centro de gravidade desta literatura deslocou-se gradativamente para Israel, a partir do início de século XX, mas somente depois de 1918 esse fato tornou-se mais palpável, não apenas porque os principais autores hebreus emigraram para lá, por força das tendências e circunstâncias políticas reinantes na Europa, mas também porque a crescente comunidade judaica na Palestina passou a desempenhar um papel cada vez mais importante na vida dos judeus da Diáspora.

Expoente principal do renascimento da língua Hebraica em Israel, Eliezer Ben Yeuda, emigrou para a Palestina em 1881. Antes, porém em 1879, em Viena, publicou, no “Hashachar”⁸, um artigo intitulado “Um problema importante”, no qual apresentava a questão do nacionalismo moderno (“leumiut”) como medular e o reassentamento dos judeus na Palestina como a única solução para todos os problemas do povo judeu. “Os judeus evidentemente não poderiam sobreviver como nação sem retornar à terra de seus antepassados, mas tampouco sobreviveriam como entidade nacional definida, sem um idioma próprio, sem a língua de seus progenitores, a qual deveria se empregar não somente na sinagoga e nas revistas literárias, mas também para fins de comunicação cotidiana em todos os assuntos, a qualquer hora do dia ou da noite”. (Apud Sivan,R 1970).

⁸ Do hebraico “aurora” Hashachar nome da publicação trimestral hebraica em Viena cujo editor era um expoente da Haskala vienense - Peretz Smolenskyn.

Em sua visão lingüística, Ben Yehuda introduziu o uso do hebraico falado não somente no âmbito familiar e entre amigos, mas também iniciou o ensino da língua hebraica nas escolas, sobretudo, como um idioma exclusivo nas salas de aula em que as demais matérias eram ensinadas.

Ben Yehuda lecionou na primeira escola hebraica em Jerusalém e atuou como assistente de diretor de um jornal Jerusalemita. Antes de divulgar o hebraico vernáculo e cunhar novas palavras e conceitos que se faziam necessários à nova realidade, examinava as fontes clássicas do hebraico a Bíblia, a Mishná, o Talmud os Midrashim e a Literatura Medieval com o objetivo de descobrir palavras que pudessem suprir, bem como termos abandonados e esquecidos.

O grupo de jovens que aderiu prontamente a idéia de falar hebraico em todas as situações da vida moderna era composto de jovens intelectuais vindos do Leste Europeu em consequência da onda de pogroms que havia assolado a Rússia e que desejavam construir uma vida nova tão diferente quanto possível da que haviam conhecido na Europa. Estes colonos se estabeleceram em colônias agrícolas, e, posteriormente, em Tel Aviv, que viria a ser a primeira cidade exclusivamente hebraica.

A fim de garantir e promover a modernização da língua, foram fundadas sucessivas associações e em 1890, finalmente, se criou o Vaad Halashon – Conselho da Língua Hebraica - presidida por Ben Yehuda, até o seu falecimento em 1922. Em 1948, com a criação do Estado de Israel, o Conselho converteu-se na Academia da Língua Hebraica.

O processo de secularização da língua hebraica, sua transformação efetiva em língua de comunicação e de uso diária, foi realizado por intelectuais e escritores de uma ampla e rica cultura judaica. Eles próprios se consideravam “revitalizadores” da língua hebraica, até então utilizada como “língua sagrada”. A tarefa de “renascimento” foi empreendida por esses intelectuais de forma cuidadosa e sob uma profunda reflexão⁹. Esta concepção, entretanto, modificou-se radicalmente com a vinda da geração dos “sabras” (filhos dos imigrantes nascidos em Israel), cuja língua materna era o hebraico

⁹ Ben Yehuda (1970, p. 53) e Guershom Sholem e Rozentswaig.

secular desprovido totalmente de qualquer conotação de língua religiosa - secular.

Esta primeira geração impregnada de sua privilegiada posição de judeus não diaspóricos, nascidos em Israel sob a égide da ideologia sionista do “novo judeu”, cunhou um estilo peculiar de conversação de gramática e de vocabulário. O hebraico dessa geração caracterizou-se por um estilo de fala informal, ríspido, e econômico, avesso às formas de tratamento consideradas civilizadas e educadas e à arte da retórica..(דוגרי) Seu objetivo maior na fala era ressaltar o aspecto coletivo nesse horizonte específico e a eficácia na comunicação inter-grupal.

A mistura de códigos lingüísticos (o renascimento proposto por Ben Yehuda e pelos demais intelectuais pertencentes à sua geração em oposição às gerações de sabras), as ondas sucessivas de imigrantes que continuam chegando a Israel e o processo da Globalização (com a predominância da língua inglesa) hegemônica no mundo atual, produzem em Israel, uma tendência a constantes inovações na Língua Hebraica, resultado de múltiplos estratos de diferentes camadas de conversação e de diferentes grupos sociais.¹⁰ Esses fenômenos refletem a complexidade que envolve as transformações ocorridas com a Língua Hebraica, em Israel e na Diáspora.

Entre Israel e a Diáspora

Passados algumas décadas após o restabelecimento de Estado Judeu em Israel, o hebraico – israelense espalhou-se pelo mundo judaico como a principal língua judaica e, sobretudo, tornou-se a primeira língua judaica a ser estudada nas escolas da diáspora. Desde então a língua hebraica passou a gozar de um status peculiar e singular em todas as coletividades judaicas.

O holocausto dizimou a maioria dos judeus falantes do Idiche, língua esta que perdurou durante um longo período como o centro da autêntica cultura judaica. Os judeus, encabeçados pelo judaísmo americano, começam a experimentar, após 1945, um novo estilo de vida. Após adquirirem nos países modernos democráticos plenos direitos de cidadania e apesar do anti-

¹⁰ Referimo- nos ao conceito de Multiglossia em oposição ao conceito clássico de diglossia, cunhado por Fergusson, CF (1959), ‘Diglossia’, World, 15, PP 325-340.

semitismo velado, foi-lhes concedido manter sua singularidade cultural e religiosa.

Nesse novo contexto abriu-se para esses judeus – e não foram poucos os que quiseram - a possibilidade de assimilar-se cultural e socialmente e, sobretudo, imprimir uma nova identidade coletiva. (Amyot, R.& Sigelman, 1966)¹¹ Devido ao afastamento que ocorreu causado pelo enfraquecimento das raízes culturais judaicas entre os imigrantes e o aumento dos casamentos mistos, o número de judeus vem diminuindo consideravelmente fora de Israel e em alguns países particularmente. Nessa realidade em que judeus e não judeus convivem lado a lado, as línguas judaicas que perduraram durante centenas de anos como línguas de criatividade cultural e como instrumentos de comunicação enfraqueceram-se e se desgastaram¹².

A língua falada praticamente por todos os judeus atualmente é o Inglês. De fato, o inglês tornou-se a língua franca no mundo atual e imprimiu de forma marcante sua influência tanto em Israel como no mundo judaico. Somando-se aos judeus dos Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Austrália e Nova Zelândia, falantes de Inglês, e que representam 50% do total dos judeus de todo o mundo, é notável o número de intelectuais judeus de Israel (e de cidadãos israelenses provenientes de todas as camadas sociais) e de outros países que vêm atribuindo à língua inglesa um status elevado, tornando o estudo dessa língua obrigatório, desde as primeiras séries da educação até o ensino superior: “passaporte para uma carreira profissional ou administrativa de sucesso”.

Como professora de língua hebraica e fazendo uma pesquisa na Universidade de São Paulo, USP, sobre a função da Língua Hebraica nas escolas comunitárias em São Paulo, tenho me defrontado com afirmações de alunos estudantes que terminaram recentemente o ensino médio e sobre os quais gostaria de apresentar algumas considerações para pensar a questão da continuidade do ensino da língua hebraica na Diáspora.

Para isso trago alguns recortes das respostas fornecidas pelos alunos ao nosso questionário, aqui considerados como representativas para a questão

¹¹ Referimos ao livro de Amyot, R & Sigelman, L. “Jews without Judaism? Assimilation and Jewish identity in the United States”, *Social Science Quarterly*, 77(1)

¹² Fishman, J. A. (Ed). (1985). *Readings in the Sociology of Jewish Languages*, Amsterdam: Brill.

do ensino- aprendizagem da língua hebraica. O corpus de nossa pesquisa foi composto por ex- alunos de escolas comunitárias judaicas que se formaram nos últimos 5 anos e onde o hebraico era ministrado como matéria regular na grade escolar por um período não inferior a dez anos. Cabe ainda mencionar que em todas as escolas examinadas a língua hebraica tem sido objeto de um forte investimento desde a educação infantil passando pelo ensino fundamental e médio. Nessas instituições, têm sido realizadas a cada ano, com mais freqüência, programas de estudo e de intercambio cultural em Israel, visando tanto a instrumentalização da língua hebraica, como também um maior conhecimento da cultura judaica.

Aqui seguem, pois algumas respostas de alunos designadas com as siglas: E1. E2. E3. E4.

E1. Saber hebraico significa o que para você? E saber outras línguas estrangeiras?

Saber hebraico me dá certa sensação especial, coisa que as outras línguas não me dão. Poder falar a mesma língua que nossos patriarcas falavam; a língua que estão escritos os Sifrei Torá, a Safá kedosha. Lógico que saber outras línguas é de extrema importância. Mas para mim, não tanto quanto o hebraico.

E2. Saber hebraico significa o que para você? E saber outras línguas estrangeiras?

Saber hebraico significa me identificar e conhecer melhor a minha própria cultura. Significa um elo que une judeus no mundo todo. Em virtude do atual mercado de trabalho o estudo de outras línguas é essencial. Também acho importante a convivência e aprendizado com outras culturas.

E3. Saber hebraico significa o que para você? E saber outras línguas estrangeiras?

Acho que é uma das línguas de identidade com o judaísmo e com o sionismo, além de ser um idioma a mais. Há pessoas que te admiram por saber falar uma língua em que até os caracteres são diferentes.

Hoje em dia, vivemos numa época em que a globalização “faz o mundo”, isto é, só consegue-se comunicar com pessoas do mundo inteiro se você fala outra língua, principalmente o Inglês. Além disso, qualquer emprego em que for trabalhar, por mais que não se use corriqueiramente outro idioma, é sempre conveniente saber falar Inglês.

E4. Saber hebraico significa o que para você? E saber outras línguas estrangeiras?

Na verdade não sei o que significa falar hebraico. Mas com certeza saber falar inglês, espanhol significa muito para mim. Amo de paixão falar inglês, eu acho a língua mais linda desse mundo, fora que é uma língua universal que é obrigação de todos saberem falar inglês.

Conforme se pode observar acima, para alguns enunciadores (E1 e E2), a língua hebraica mantém-se como língua de identidade cultural e religiosa enquanto para outros (E2, E4) a língua hebraica é distante, estranha, não familiar aos seus hábitos e necessidades de comunicação na atualidade. Como então explicar esta relação ao mesmo tempo particular, peculiar, singular para um segmento e distante, estranha, alheia para outros?

Considerações finais

Se, por um lado, a atual Diáspora-Transnacional (dada à nova realidade demográfica e política cf. Ben - Rafael 2007) na condição judaica teceu relações de solidariedade recíprocas e dinâmicas, aproximando Israel e a Diáspora, por outro lado temos que os efeitos da globalização desencadearam a denominada “crise da identidade”. Nas palavras de Bougamin (2007), a crise está diretamente relacionada ao ensino-aprendizagem propriamente dito. Este autor sustenta que a falta de incentivos simbólicos culturais e sociais são os fatores responsáveis pelo fracasso da aprendizagem de segunda língua. Já para Deitcher (2007), a deterioração do status da língua hebraica na educação judaica deve ser atribuída a uma nova identidade diaspórica não necessariamente afiliada ao Estado de Israel.

Entendemos que nesse contexto da denominada “crise da identidade”, onde o global se insere de maneira mais intensa e as fronteiras se tornam mais porosas provocando a fragmentação, a dispersão, o desengajamento, é precisamente onde se instala o estranhamento e o distanciamento dos alunos em relação às suas raízes culturais. A globalização parece ser um fenômeno irreversível, um processo que nos afeta em todas as áreas do conhecimento. Para Zygmund Bauman (1999), embora as ações humanas agora se dêem em escala global, não somos capazes de ditar os conhecimentos e podemos apenas observar fronteiras se deslocando de forma veloz e imprevisível.

A língua estrangeira, objeto de saber de uma aprendizagem raciocinada, é próxima e heterogênea em relação à primeira língua. Para o sujeito, a

modalidade desse encontro ou confronto entre a primeira e a segunda língua, juntamente com as diversas estratégias de aprendizagem ou não, nunca é uma questão secundária. Conforme Revuz. C. (2001:217), a língua objeto de conhecimento intelectual, é também, ela própria, uma prática complexa. Penso que a língua não é tão somente um instrumento de comunicação. Trata-se do sujeito compreendido em sua heterogeneidade e em sua contradição inerente, e trata-se também de determinações histórico-sociais e culturais permeadas pelo inconsciente e pela ideologia que lhe são próprios. Sendo assim, o ensino aprendizagem da língua hebraica na diáspora deve ser preservado e cultivado, pois representa um ato de resistência de uma minoria em seu recorte específico da língua, em suas peculiaridades, singularidades e diferenças.

Referências Bibliográficas Básicas

- AGNON, S.I. *La lengua Sagrada como um Idioma Escrito* (pp. 17-21) in Ariel Revista de Artes Y Ciencias de Israel - numero 19- ano 1970.
- BAUMAN ZIGMUNT. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução, Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *Identidade*; entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução, Carlos Alberto Medeiros - Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed. 2005.
- BEN-RAFAEL, Eliezer. *Identity and Language in Transnational Diasporas: New Horizons for Hebrew*. In: *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Editors Nava Nevo & Elite Olshtain. The Hebrew University Magnes Press, Jerusalem 2007.
- BOUGAMIN, Ami. *Hebrew in the Era of Globalization* 2007. In: *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Editors Nava Nevo & Elite Olshtain .The Hebrew University Magnes Press, Jerusalem 2007.
- DEITCHER, Howard “*We are as Dreamers*”: *The impact od the communal Milieu on the Place of Hebrew in Diaspora Jewish Education*. In: *The Hebrew Language in the Era of Globalization*. Editors Nava Nevo & Elite Olshtain. The Hebrew University Magnes Press, Jerusalem 2007.
- FISCHLER, Ben– *Zion: El estudio Del Hebreo em la Diaspora*. In: Ariel Revista de Artes y Ciências de Israel. Jerusalem. Número 19. Ano 1970

GUINSBURG, J. *Guia Histórico da Literatura Hebraica*. Editora Perspectiva S. A. São Paulo, 1977.

HADAS-LEBEL, Mireille. *O Hebraico: 3000 mil anos de história*. Tradução de Eliana Branco Malanga. Editions Albin Michel, Paris, 1992.

IUSSIM, Henrique. *Uma visão panorâmica da História do Judaísmo Clássico*. Edições Biblos, Rio de Janeiro, 1965.

KODESH, Shlomo. *La difusión del Hebreo*. In: Ariel Revista de Artes y Ciencias de Israel. Jerusalem. Número 19. Ano 1970

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. Tradução de Eni Orlandi. In: GADET, F; HAK, Tony (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª ed. Campinas: Unicamp, 1997-a.

_____. *Semântica e Discurso; uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas, 1997-b. (Original em francês: Les Vérités de la Palice).

_____. *Sur le contextes épistémologiques de l'analyse du discours*. Mots, 9, 1984.

RABIN, Chaim. *Investigação sobre a língua Hebraica* Coletânea de artigos sobre a língua hebraica e sua revitalização. Jerusalém 1997.

_____. *El renacimiento de la Lengua Hebrea*. In: Ariel Revista de Artes y Ciencias de Israel. Jerusalem. Número 19. Ano 1970.

_____. *Pequena História da Língua Hebraica do original Ikarei Ha-Laschon Há – Ivrit*. Copyright 1973. Tradução de Rifka Berezin. São Paulo, Summus Editorial Ltda.

REVUZ, C. *Apprentissage d'une langue étrangère et relation à la langue maternelle*. Mimeo, Univ. Paris VII, 1987.

_____. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (ORG). *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Fapesp, 2001.

SIVAN, Reuvén. *Ben yehuda y el Rrenacimiento de la Lengua Hebrea*. In: Ariel Revista de Artes y Ciencias de Israel. Jerusalem. Número 19. Ano 1970.

TORÁ – *A lei de Moisés*. Tradução, explicações e comentários do rabino Meir Matzliah Melamed. São Paulo, Editora Sefer, 2001.